

Num. 63.



IDADE

D'OURO

DO BRAZIL.

Sexta feira 7 de Agosto de 1812.

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

Sã e Miranda.

Noticias de França segundo as folhas Inglezas do fins
de Maio de 1812.

“ **N**oticias de Paris despidas de toda a d'ávida nos certificação, de que Mr. Barlow, Ministro Americano, que fora enviado á França para tratar com Bonaparte sobre os negocios da sua Nação, não conseguiu objecto algum dos da sua commissão. Bonaparte he inteiramente indifferente a respeito da communicação mercantil entre a França, e a America, porque sabe, que ella se não póde fazer sem permissão da Inglaterra. Em huma das ultimas audiencias disse o Imperador, que os Americanos não fazião mais, que mostrar os dentes, mas que nunca mordião; e decidio, que não estaria contente com a America em quanto ella não declarasse guerra á Gran-Bretanha. ”

“ Inference de algumas cartas, e Gazetas da Europa, que a paz entre a Russia, e a Turquia está aponto de concluir-se: a Russia mui judiciosamente se abstem daquellas altas pertencões, que em razão de hum perigo maior, e de hum mais formidavel inimigo, já não póde sustentar com a espada. No presente estado da Europa huma sabia Politica devia unir a Turquia, e Russia na mais estreita amisade, e alliança, porque quaesquer que sejam as protestações de Bonaparte á Turquia, não ha duvida, de que elle deseja tanto a sua destruição, como a ruina da Russia. ”

Nós prometemos em o número passado reduzir as reflexões politicas de *M. Galt* sobre a sua viagem de *Malta*, e agora vem muito a proposito apresentallas para que os Leitores vejam os expedientes, que a *Inglaterra* deve tomar no meio dos terriveis embarços, em que a *França* a tem posto com as suas forças, e intrigas. Por estes, e outros discursos he mais facil conhecer o estado das cousas, do que pelas relações do *Telegrafo*; he por isso, que nós fazemos mais uso dos *Periodicos* politicos, que das folhas narrativas de successos não acontecidos.

Reflexões de M. Galt extrahidas da sua viagem pelo Redactor do Ambigiú.

“ *Naparte*, que principiou a fazer os Soberanos escravos, quer acabar por fazer as Nações escravas. A paz d’ *Amiens* foi mais hum incidente da revolução, do que o fim da guerra. Desde a data deste acontecimento as antigas pertencções dos Reis de *França* á Soberania da *Europa* tem tomado na pessoa do seu actual dominador hum caracter de evidencia aos olhos de todo o mundo. Mas a natureza das vistas secundarias do Imperador dos *Francezes* em todas as Campanhas contra os Monarchas, que elle tem vencido, não tem sido communicadas ao mundo. Elle não tem cessado de se queixar do pernicioso espirito de insubordinação, que reina em todas as *Ilhas Britanicas*. O Imperador d’ *Austria* deo ouvidos doces a todos os seus discursos. Alguns mezes ha, que se tem feito hum plano regular em *França* para o estabelecimento completo de hum confederação despótica sobre o Continente. Differentes Soberanos terão a livre manutenção da Economia interior de seus Estados; mas todos os Tratados deverão ser communicados a cada membro deste despotismo organizado; e não poderá tomar-se medida alguma de paz, ou de guerra sem ser submetida ao exame de toda esta corporação; da qual a Nação *Britanica* será excluida sempre, a fim de reduzir este povo perigoso, e indocil. Esta conspiração de Reis contra o genero humano foi definitivamente arranjada em *Paris* a 12 de Janeiro.

Porém a natureza mesma da politica da *Gran-Bretanha*, ainda melhor que as suas armas, lhe fornecerá os meios de prostrar esta hydra. O genero humano será o seu alliado, e a superioridade do systema mercantil sobre o systema militar começa a ser conhecida mesmo pelos fanaticos adoradores da gloria dos *Francezes*.

O fim de hum systema commercial he conservar tudo sobre o pé existente, porque a segurança he essencial á prosperidade do Commercio; e sem hum segurança permanente no actual estado das cousas, que dê lugar ás especulações do Commercio, he impossivel seguillas com a actividade necessaria para lhe assegurar o successo. Ora para contar com esta segurança a *Gran-Bretanha* deve proclamar asua determinação de manter o seu imperio insular

em opposição ao Systema Continental; e declarar, que se todas as Ilhas não estão ainda debaixo do seu dominio, he porque ainda não se julgou a proposito tomar esta possessão, e quando se julgar ella deffenderá estas Ilhas com todo o seu poder, e as contemplará como partes integrantes do seu Imperio. Nós temos a prova, e a existencia da utilidade desta politica no estado actual das nossas relações com a *Turquia*. Porque he, que existe o resto das nossas factorias do *Levante*, e porque não estamos nós de todo banidos do resto da *Europa* senão pela convenção, em que está o Despota *Francez* de que no momento, em que nós olharmos como inimigo o *Gran-Sultão*, elle verá, que nós tiramos ao *Imperio Ottomano* as Ilhas populosas e fertes dos mares da *Jonia*; e do *Levante*? Estes factos estão debaixo dos nossos olhos, e se lançarmos as vistas ao longe veremos, que a declaração posetiva da nossa soberania insular, consequencia natural do nosso poder maritimo, fará ao systema do continente huma opposição destruidora. As Nações não tem entre si Tribunaes de Justiça, como as Sociedades. O seu poder he a medida do seu direito; e quem acúsar, e negar este principio, acusa as dispensações da Providencia. O tempo, e o estado dos nossos negocios nos impõe a Lei de invocar altamente estes principios, e de obrar com a mais firme resolução.

Nós devemos considerar transtornado todo o antigo regimen das Nações *Europeas*; e por huma coalisação de todos os Estados do Continente nós somos olhados como huma Nação proscripta. A nossa ruina está meditada, proclamada, e interprendida: nós somos contemplados como refugio das Nações; nossos usos, e leis parecem perigosas á nova ordem de cousas; e o esforço, que nós fazemos por resistir ao nosso eterno inimigo he olhado como incompativel com a prosperidade desses Principes vencidos, degradados, e que só são Principes no nome.

Siga o Continente o seu systema, sigámos o nosso; e pelo mesmo principio; que nós somos banidos do Continente, tratemos de banir de todos os mares a todo aquelle, que quizer alliança com o Continente. Se alguém se queixar do nosso expediente de associar todas as Ilhas ao nosso Imperio, responderemos: que a nossa defeza he o primeiro instinto, que recebemos do Céu: se nisto ha alguma injustiça, o crime destas consequencias deve recahir sobre a Nação presumçosa, que destroe o Codigo dos antigos usos. Até agora o nosso inimigo não tem visto o nosso poder maritimo empregado senão defensivamente, agora elle sentirá todo o peso do nosso tridente. Os Reinos de *Chipre*, e de *Candia*, as Ilhas de *Rhodes*, *Scio*, *Miitêne*, os *Archipelagos da Grecia*, e do mar *Adriatico*, a Ilha d'*Elbo*, as *Baliares*, os Reinos da *Corsa*, *Sardenha*, e *Sicilia* serão reduzidos debaixo da nossa soberania por huma força menor, que a do Exercito, que gratuitamente mantemos na *Peninsula*. Nós acharemos em todas estas Ilhas o consumo ás produções da nossa industria, e nós tiraremos dellas, e da sua população o nervo, e os instrumentos da guerra. Isto não são *Colonias*, que obrigão a Mãe Patria a despesas; são estabelecimentos já completos, costumados a contribuir ao Governo, e elles terão muito gosto ao verem-se protegidos pelo pavilhão da *Gran-Bretanha*.

De *Tenedos* nós commandaremos a entrada do mar *Negro*, do *Bosphoro*, do *Golfo de Nicomedia*, e do *Hellesponto*. Em *Chipre* poderemos abrir comunicação por terra pelo *Egipto* até o mar vermelho, e recorrer a rota das *Indias*. No *Archipelago* nós aproveitaremos todo o *Commercio* entre a maior parte da *Turquia da Europa*, e *Asia* menor; e amparando-nos da pequena Ilha de *Salina* na embocadura de *Bellona* possuiremos hum dos mais soberbos pórtos do mundo, e commandaremos o mar *Adriatico*.

Senão fallo de *Gibraltar*, he para mostrar, que desenvolvendo com huma arrogancia mais imperiosa as forças *Herculias* da Nação *Britanica* contra as *hydras*, e as *chimeras* da *Europa*, esta possessão será menos a sentinella de hum estreito, que a guarda do rico jardim das *Hesperides*.

Este plano ainda que Gigantesco, (diz hum *Jornalista Inglez*) he o unico, que parece ter a *Inglatera* para escapar á ruina de que o *Continente* a ameaça. Parece verdade, ou ao menos he verosimil, que os *Soberanos* do *Continente* estão em segredo ligados para destruir a *Gram-Bretanha*: as guerras do *Continente* parecem fingidas menos na *Hespanha*, e os *Inglezes* devem prevenir-se. (Nós não damos credito a isto.) Não analysamos a justiça deste plano, que contempla todas as *Ilhas* como partes integrantes da *Inglatera*, porque o *Auctor* nos dispensa disso, quando diz, que o poder das *Nações* he a medida do seu direito. He loucura argumentar com quem segue semelhantes principios...

Entrarão neste Porto as Embarcações seguintes.

Em 2. De *Caravelas*, *Sumaca S. José*, Mestre *Bernardo José do Rosario*, 7 dias de viagem, carga 800 alqueires de farinha. Dono *José de Oliveira Mattos*.

Em dito. Do *Rio de Janeiro*, com escala por *Caravelas*, *Sumaca Passarola*, Mestre, e dono *Joaquim Henriques da Silva*, tres mezes de viagem, carga 20 arrobas de carne do certão, e 500 alqueires de farinha.

A V I S O.

Quem quizer comprar o *Navio Portuguez* denominado *Maria* com todos os seus pertences vindo proxivamente de *Liverpool*; dirija-se ao *Escritorio de Moirs e Companhia* ao *Fonte de S. Francisco*.

Com Permissão do Governo.

BAHIA: Na *Typographia* de *Manoel Antonio da Silva Serva*: